

REORGANIZAR A COMUNIDADE

«A raiz da civilização é, por isso, a comunidade». Eis uma das frases do discurso do poeta-cardeal português D. Jose Tolentino de Mendonça, feito há dias no emblemático Mosteiro dos Jerónimos. Aristóteles, há mais de dois mil anos já havia dito que «o Homem é um animal sociável». Curiosamente, nos últimos séculos, a ciência tem mostrado que este sentido gregário também existe nos animais e nas plantas, dir-se-ia com a mesma força da natureza com que age connosco. Por exemplo, é conhecida a maravilhosa organização das formigas e das abelhas; mais recentemente António Damásio mostrou no seu livro «A Estranha Ordem das Coisas» a organização das bactérias, algumas com biliões de anos.

Quando o ser humano passou de nómada a sedentário, o sentido de comunidade foi decerto o que o preocupou, sendo que nesta não cabe apenas a relação entre pessoas, mas também com as energias da terra e da água, plantas e animais. Depois com tudo aquilo que vai criando à sua volta. Para este que escreve, um dos aspectos mais atractivos do cristianismo é o de tentar saber como actuavam as primeiras comunidades cristãs que se iriam desvanecer quando, no séc IV, o Imperador Constantino, aliando o poder religioso e o temporal, abriu espaço para o que hoje é a Igreja Católica. A elevada mensagem de Cristo não podia ser entendida da mesma maneira por todos os membros dessas comunidades. Situação idêntica verifica-se também hoje com a própria filosofia rosacruz dada por Max Heindel. Para além do substrato comum que deve ser apreendido por todos, é natural a visão pessoal de cada um. Acontece em todos os tempos e em todas as escolas.

As comunidades organizam-se primeiro por instinto de sobrevivência biológica, por ímpeto social, mas também com outros interesses: as corporações da Idade Média, os actuais sindicatos e as redes sociais. Sabe-se que o poder de uma associação/comunidade gera uma sinergia que é mais do que a soma das partes.

De tempos a tempos, há crises que levam à reorganização das comunidades/sociedades. Criam-se utopias que (dizendo-se libertárias) justificam essa mobilização. Infelizmente, algumas levam logo a fanatismos e ditaduras. O Campo de Auschwitz e o arquipélago de Goulag não são metáforas.

A última época que demandou uma reorganização da sociedade foi a dos anos 60, com o movimento «new age» (termo que todavia engloba muita coisa). Muitos dos que viveram isso intensamente depauperaram o corpo e alguns ainda estão vivos: vazios de alma e sem esperança, porque as ideias não eram Ideais. É certo que houve aspectos positivos: ganhou-se mais liberdade, mas de certa forma “oficializou-se” também a libertinagem e o consumo de droga conheceu o princípio do que agora é o “pão nosso de cada dia”. As utopias materialistas («make love, not war» entre outras) levam ao engano.

As comunidades espirituais são outra coisa, mas no aspecto organizativo não diferem das outras que, no pior, têm burocracias e a velha questão do poder. Max Heindel criou uma verdadeira comunidade espiritual em Oceanside, sem sede de poder, uma Obra que todavia, como ele disse, era (é) dos Irmãos Maiores, mas que teve a dedicação e o esforço total do nosso fundador (e de Augusta Foss) que para

além dessa missão, espelhou um magnetismo de quem sabia congregar, atrair, animar e elevar, devido à sua verdadeira simpatia, sabedoria e espírito cristão. Ao mesmo tempo essa ideia de comunidade alargava-se em livros e cartas que iam pelo correio, via marítima, para todo o mundo, aliás com mais frequência do que hoje, via internet!

Um século depois, perante o estado do mundo e com o afastamento físico das pessoas (pandemia à parte) devido à tecnologia que trouxe a internet, facebook, telemóveis e outros, sente-se que a comunidade das presenças físicas declinou severamente. Se é certo que, no nosso caso, quando passamos do estado de vigília ao mundo do desejo, podemos ingressar numa grande comunidade, como a dos Auxiliares Invisíveis e outras, isso não dispensa o esforço e a necessidade de reorganizarmos a comunidade no plano físico. «Assim como é em cima é em baixo», isto é, não pensemos que somos recebidos com palmas e abraços na comunidade do mundo do desejo, se não nos esforçarmos por participar e organizar a do plano físico, o que não é tarefa fácil nos tempos que correm. Só há universalismo e internacionalismo quando cada um dá o melhor de si, presta serviço à sua família, nação, grupo (comunidades diversas).

Um dos problemas principais (senão mesmo o principal) de uma comunidade espiritual é que à medida que caminhamos para a Era de Aquário o ser humano torna-se mais individualizado (diferente de todos), tendo que combater o individualismo (egoísmo). A comunidade mantém-se se houver consciência de uma base comum da sua filosofia/doutrina, que se deve sustentar a todo o custo. Todavia, os comportamentos entre as pessoas são de uma importância fulcral. Devido a forças subtis que só raros vêem e sentem, Max Heindel disse que nada era (é) mais difícil do que a vida de um grupo esotérico. Sobre as comunidades virtuais das vantagens e desvantagens, voltarei ao assunto na próxima oportunidade.

Eduardo Aroso
13-6-2020